



## **O ATO DE FOTOGRAFAR NO SABER ANTROPOLÓGICO - OS CASARÕES COLORIDOS DE JOÃO PESSOA**

### ***EL ACTO DE LA FOTOGRAFÍA EN EL CONOCIMIENTO ANTROPOLÓGICO - LAS COLORIDAS CASAS DE JOÃO PESSOA***

Givanilton de Araújo Barbosa <sup>1</sup>

#### **INTRODUÇÃO**

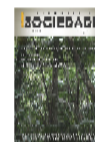
Ao fazer usos da fotografia em antropologia - as imagens podem ser produzidas para ver, observar, examinar, ilustrar, registrar, documentar, descrever uma realidade, inventariar situações complexas, fazer sentir e fazer pensar, investigar e pesquisar, instrumentalizar politicamente, com poucas palavras, tornar o mundo inteligível (SAMAIN, 2005, p. 118).

É nessa perspectiva que o ensaio visual apresenta um estudo antropológico sobre os casarões coloridos do Centro Histórico de João Pessoa, capital paraibana. Tem como fundamento teórico e metodológico da Antropologia Visual tendo como principal subsídio a construção de imagem fotoetnográfica. Diante disso, é lembrado que historicamente a Antropologia Visual implica em produzir e fazer usos de imagens e audiovisuais como fonte de pesquisa. Já no Brasil esse campo teórico e metodológico passa a se definir a partir de 1980 nos principais centros universitários públicos (SAMAIN, 2005, pp. 119-122).

Desse modo, nesse cenário antropológico constato a presença da fotografia em lugar de destaque nas pesquisas etnográficas, é um recurso que permite construir debates e “potenciais de evidência” (EDWARDS, 2016, p. 154) sobre manifestações socioculturais e políticas em um dado terreno etnográfico de pesquisa, está atrelada a objetividade mas também a uma relativa subjetividade de modo a permitir que se realizem reflexões e análises críticas sobre “temas que comportam diálogos com campos vizinhos de conhecimento”.

Em virtude disso, respectivamente o artigo “A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia” de Sylvia Caiuby Novais (2012, pp. 12-14) permitiu situar

<sup>1</sup> Mestrando em Antropologia Social, Licenciado em Ciências Sociais e Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Sociedade e Ambiente todos pela UFPB. givaniltonbarbosa10@gmail.com



a metodologia com vistas a observação, a posição da câmera, do ato de fotografar e de fazer uma imagem significativa de forma que evidenciasse os mínimos detalhes do que foi fotografado, outra que tendo em vista de minha própria experiência de campo e de revisão teórica permitiu analisar e descrever as imagens consistindo no presente etnográfico.

Por conseguinte, a captação das imagens se deu na tarde do dia 30 de janeiro de 2020, no uso de câmera fotográfica de um aparelho celular LG K10. Iniciei os registros imagéticos por volta das 13 h.00 às 15 h. e 30 min., em sua totalidade foram registradas mais de 200 fotos. Em um momento posterior foi agregado ao Word para a seleção e edição. Inicialmente foram selecionadas 29 imagens e em seguida os 12 registros aqui apresentados.

Portanto, consiste em considerar as múltiplas histórias da antropologia, pois implicam também em diferentes usos de imagem, com as quais os antropólogos se envolveram e não apenas com aquelas que eles produziram. É tratar de evidências, pois utilizar a fotografia permite esclarecer o fato antropológico integralmente associado às ideias de observação, verdade e integridade cultural (EDWARDS, 2016, p.154).

## Referências

- CAIUBY NOVAIS, Sylvia. A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia. *Iluminuras* (Porto Alegre), v. p. 11-29, 2012. <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/36791>
- EDWARDS, Elizabeth. Rastreado a fotografia. In. *A experiência da Imagem na etnografia*. Org. Andrea Barbosa...[et al]. – São Paulo: Terceiro Nome, 2016.
- SAMAIN, Etienne. Antropologia visual e fotografia no Brasil: vinte anos e muito mais. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 21(2) pp. 115-132, 2005. <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-21.-10-Anos-1995-2005.pdf>

### Casarão 1894

Esse prédio se localiza na beira da linha de trem, em frente à comunidade Porto do Capim. Foi observado que em sua parede frontal se destaca uma data, 1894, ao certo, ano em que foi restaurado ou construído. Ou seja, há nesse espaço uma demarcação temporal, outro fator identificado foi que essa obra se encontra sem o teto e em situação de abandono.

Figura 1.



Fonte:Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### Cultura e modernidade

O cenário fotografado localiza-se na avenida Guedes Pereira, próximo ao Ponto Cem Reis. Apresenta uma sequência de casarões coloridos, onde se percebe que a prática de colorir os casarões não é de agora, as cores estão um pouco desgastadas más identificáveis. A observação dirige-se para a cultura e modernidade, visto que por traz dos casarões encontra-se um prédio que representa um fenômeno contemporâneo de moradia humana representando formas de organização social.

**Figura 2.**

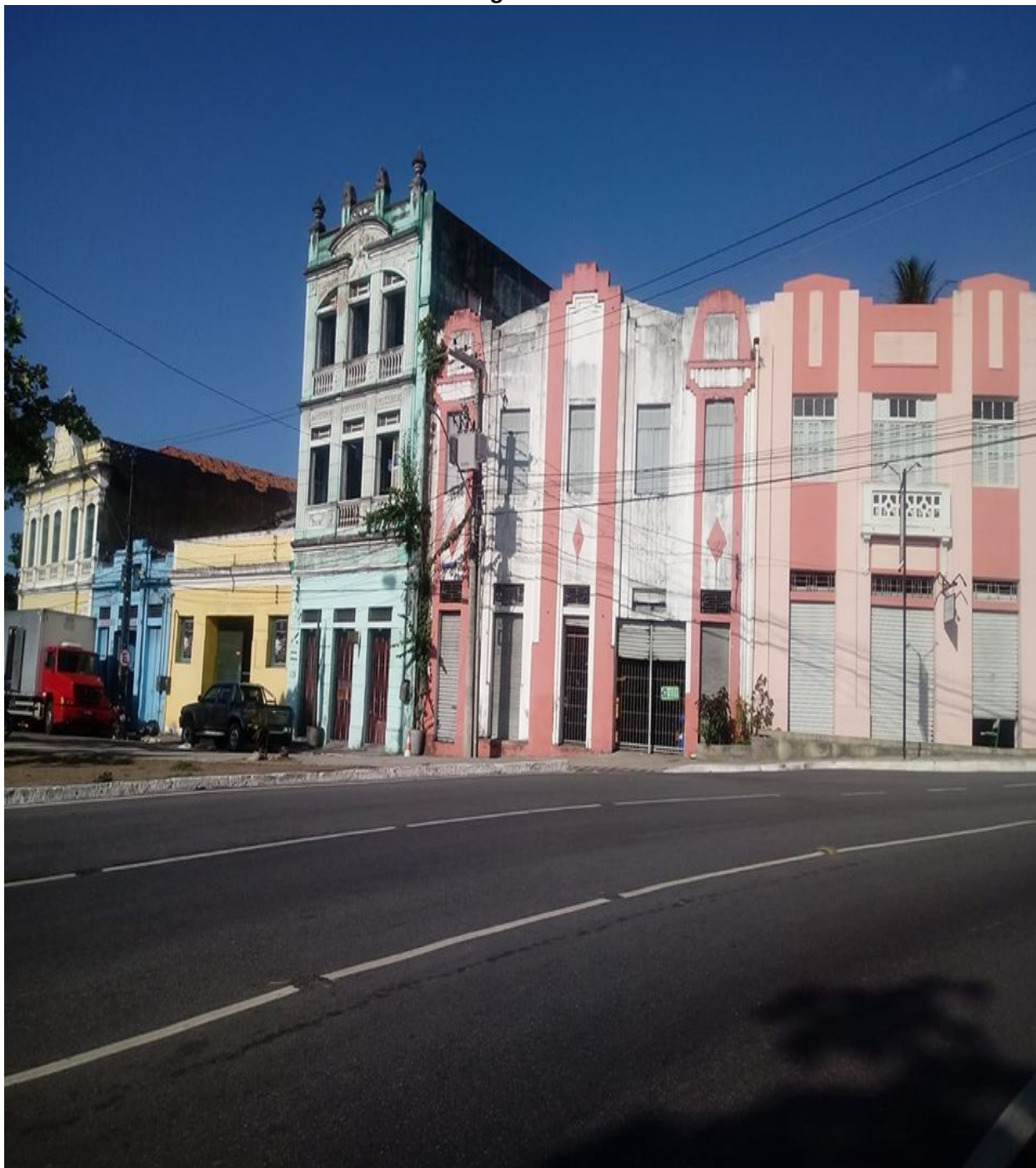


**Fonte:**Givanilton de A. Barbosa, 2020.

### A imagem desperta sentimento

Localizado na rua Cardoso Vieira, Varadouro, são observadas 5 cores. O lugar desperta sentimentos e interesses investigativos diante da “modernidade” em sua volta, o asfalto como fenômeno da urbanização permite pensar a construção de identidades locais

Figura 3.



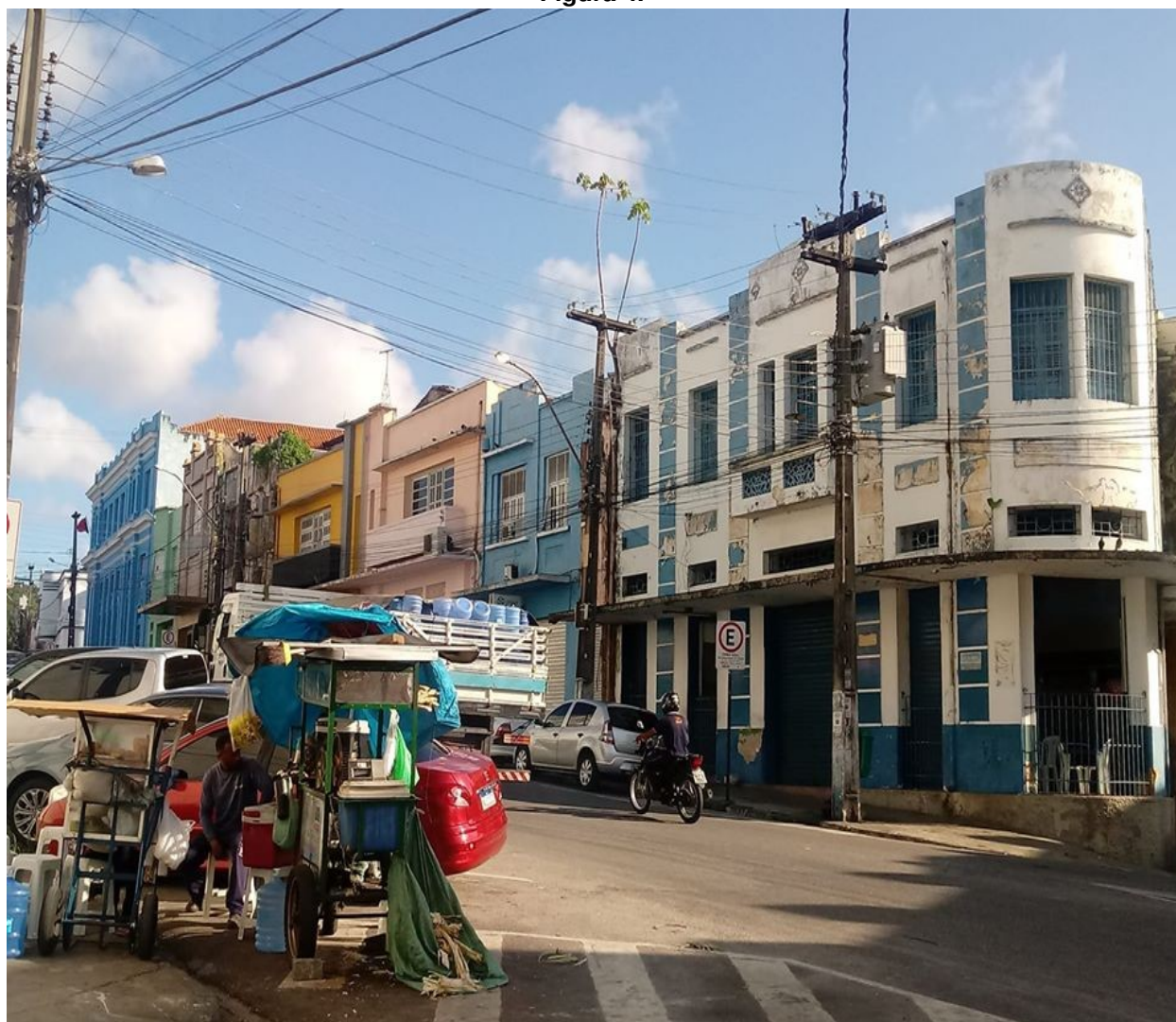
Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### Relações estabelecidas entre o passado e o presente

Localizada na rua Candido Pessoa/Varadouro, nessa sequência de casarões há aproximadamente 6 cores que em alguns estão mais conservados. Nesse cenário, a maioria dos casarões estão conservados parcialmente entre aqueles que exercem neles alguma função social. Constata-se a circulação de vendedores ambulantes, faixas de pedestres, comércio formal e informal complementando o cenário desse cotidiano, ou seja, há relações intrínsecas que permitem fluir o antigo e o moderno desses espaços. Ao certo, foram as principais ruas que se concentraram as atividades comerciais estrangeiras na fundação da cidade.

Figura 4.



Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.

### Arquitetura: memórias e reflexões

cenário fotografado localiza-se na avenida Guedes Pereira, próximo ao Ponto Cem Reis. Apresenta uma sequência de casarões coloridos, onde se percebe que a prática de colorir os casarões não é de agora, as cores estão um pouco desgastadas mas identificáveis. A observação dirige-se para a cultura e modernidade, visto que por traz dos casarões encontra-se um prédio que representa um fenômeno contemporâneo de moradia humana representando formas de organização social.

Figura 5.



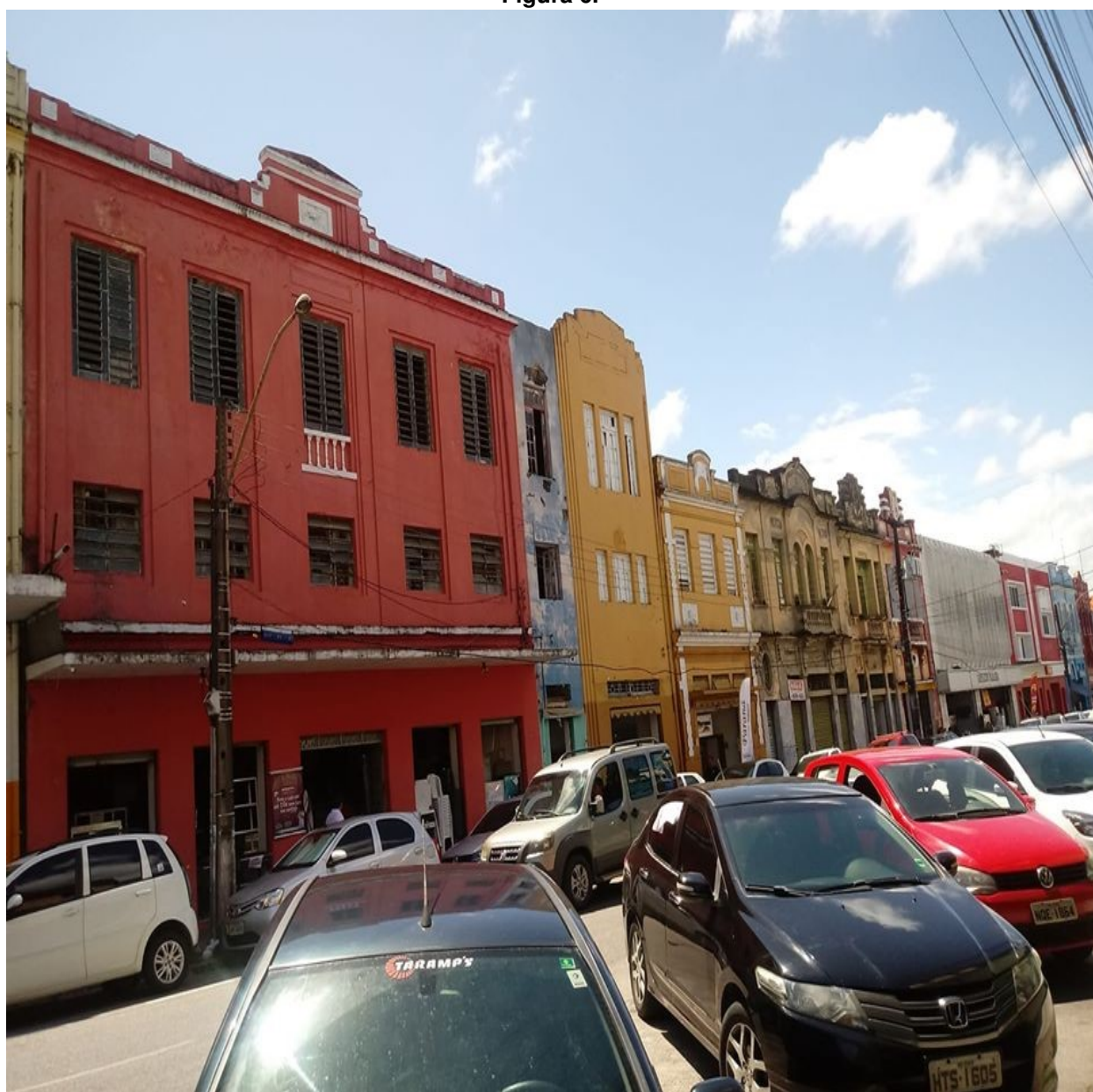
Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### **Antiga estrada do carro**

nessa imagem constata-se 11 casarões e em média 8 cores. Localiza-se na rua Barão do Triunfo. Em um prédio foi identificado uma placa com um antigo endereço denominado “Antiga estrada do carro”. Esse cenário desperta para a ocupação desses espaços no cotidiano da cidade, tendo em vista que há o uso para o estacionamento de carros e distribuição de mercadorias. Há o trânsito constante de pessoas que trabalham nesses locais, presença de turistas e de populações locais.

**Figura 6.**



**Fonte:**Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### Os casarões sem cores

Há o contraste de cores entre o antigo e o moderno. A imagem trata da rua Antônio Sá / Varadouro. Observo a sequência de 5 casarões em situação de abandono, em ruínas, sem o teto. Percebe-se que nesse trecho não há a revitalização encontrada em outros casarões, pois há em vistas a desocupação desses espaços. Nessa sequência de casarões há 4 portas que foram fechadas com tijolos no sentido de não permitir circulação de sujeitos locais e modificando a arquitetura original. Percebe-se que esses casarões tiveram função social e econômica e que aparentemente foi perdida.

Figura 7.



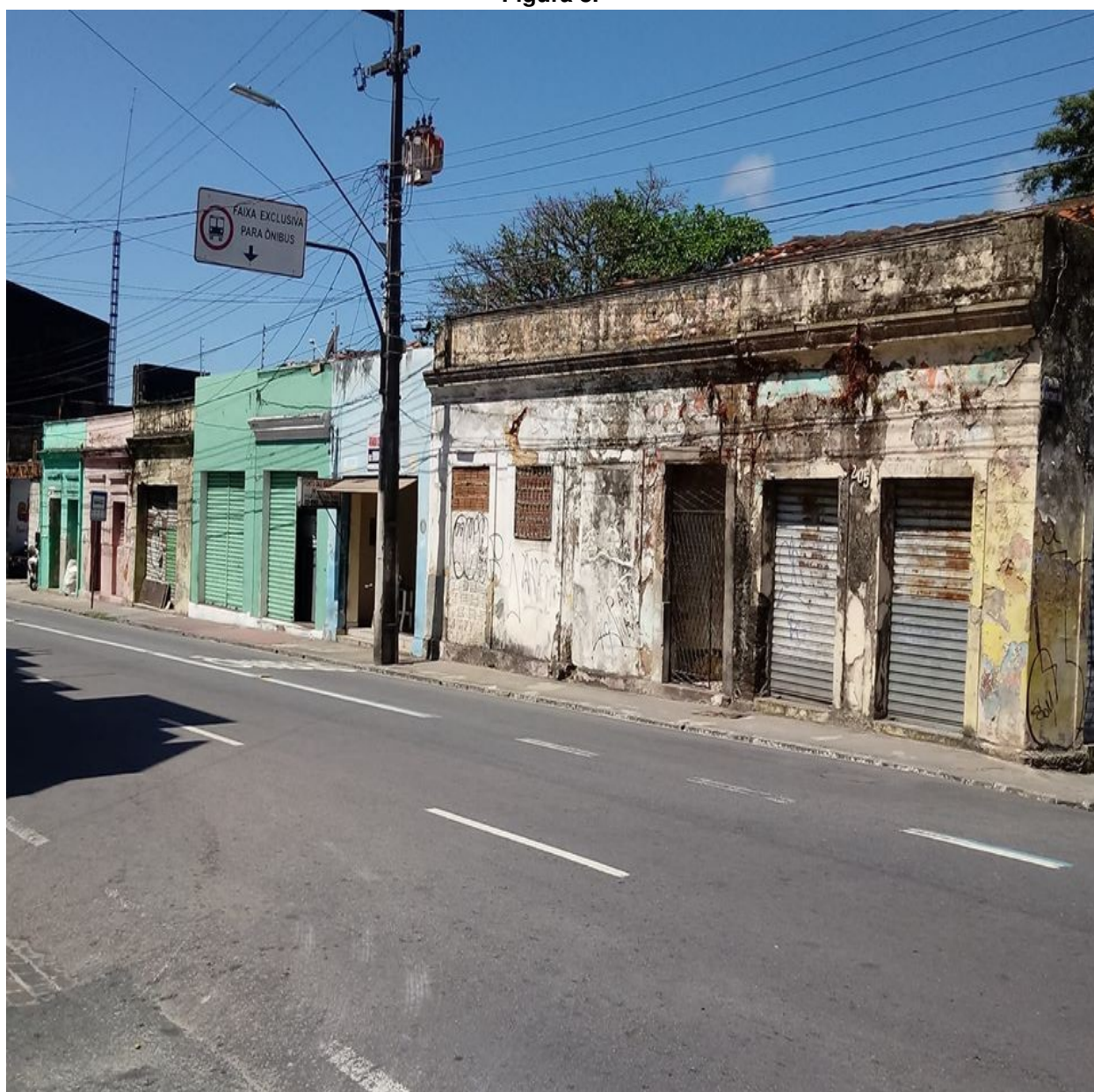
Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### As cores como resistência cultural

Nessa imagem totalizam 6 cores, a rua é Cardoso Vieira/Varadouro, possui imensos casarões que por sua vez funcionam atividades comerciais, institucionais e outras. Há casarões revitalizados e outros em ruínas. É uma rua que possui intenso trânsito de transporte coletivo, pois esta segue para o terminal municipal de integração de transportes permitindo que haja o fluxo contínuo diurno e noturno para todos os bairros da capital.

Figura 8.



Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### Os casarões coloridos da praça Antenor Navarro

A imagem contém 5 cores em um espaço emblemático, a praça Antenor Navarro. No monumento presente ao centro da praça encontram-se informações importantes que permite a investigação da fundação desse espaço. Vejamos, “Governo do Brasil/Minc/IPHAN/Governo da Espanha/AECI/Prefeitura municipal de João Pessoa”. “Nesse remate íntimo transnuda-se uma cidade morta e viva viva-morta. O Varadouro ainda pulsa vive retrata veias e o coração da velha cidade (Políbio Alves)”. Esta é a mensagem expressa na placa que permite refletir sobre as diversas influências culturais estrangeiras na formação arquitetônica do lugar. Atualmente nesses casarões funcionam grupos culturais, realização de apresentações culturais principalmente noturnas que vem permitindo integrar essa localidade com diversos públicos da cidade [Da periferia ao centro].

Figura 9.

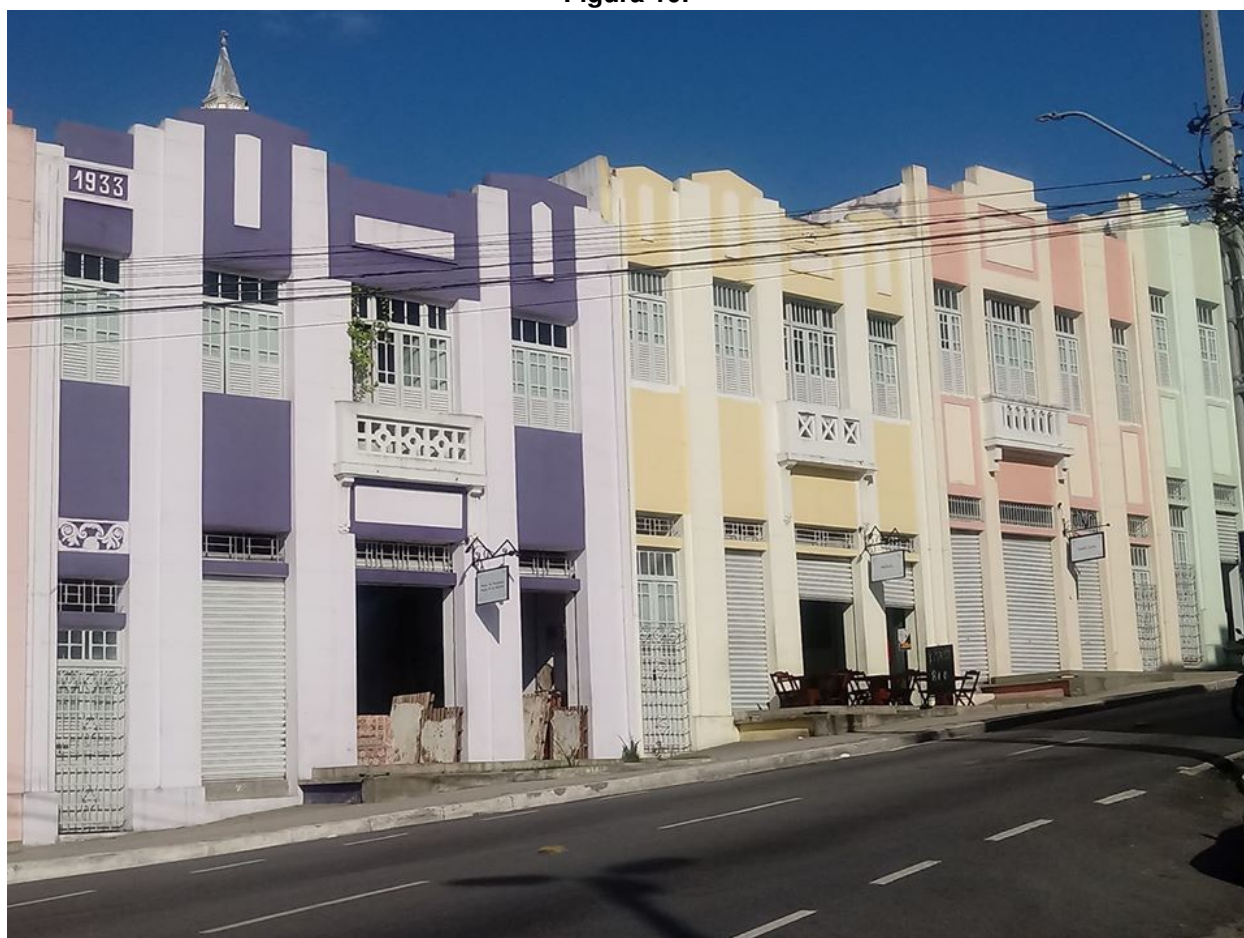


Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.

### A Villa Sanhauá, 1933

Essa imagem possui um fator significativo e justifica seu uso. Ao fotografá-la, é perceptível que há mais uma característica cravada na parede, o recorte temporal de 1933 que possivelmente temporaliza uma restauração ou sua construção. Esses casarões foram revitalizados e entregues a uma população em 2019, ao certo, permitiu instalar neles galerias onde funcionam atividades culturais e comerciais, sede de artistas plásticos, artesãos, bares, espaços de lazer noturno e outras. Localiza-se na rua João Suassuna, a partir de sua revitalização passou a ser chamada pelos agentes locais de “Villa Sanhauá”, a hipótese principal é devido a proximidade do Rio Sanhauá imbricado a fundação da Cidade. Na verdade, essa localidade é um território ribeirinho que implica em repensar a cidade, os espaços e seu cotidiano. Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.

Figura 10.



Fonte:Givanilton de A. Barbosa, 2020.



### Ruínas e vegetação falam por si

Nesse cenário localizado na rua João Suassuna / Varadouro, é a mesma rua da “Villa Sanhauá”, de um lado revitalizada em 2019, e do outro lado estão posicionados os 3 casarões da imagem que ao meio deles encontra-se um em ruínas com vegetação em suas paredes. Em meio a isso, percebo um lugar de memória e história permitindo fluir a cultura local.

Figura 11.



Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.

## A cidade em Movimento

Fotografada de forma ampla, a “Villa Sanhauá” revitalizada em 2019 localizada na rua João Suassuna, totaliza em média 8 cores que fica próximo ao terminal de integração de transporte coletivo municipal, do terminal rodoviário de transporte intermunicipal e interestadual e do terminal de integração de estação de trem urbano (CBTU) no Varadouro em João Pessoa. Representa a diversidade de culturas, pois inúmeros públicos transitam no cotidiano desses espaços.

Figura 12.



Fonte: Givanilton de A. Barbosa, 2020.